

Contos africanos e brasileiros no ensino do Português como Língua Estrangeira

African and Brazilian tales in the teaching of Portuguese as a Foreign Language

Lola Geraldés Xavier

Instituto Politécnico de Macau / Instituto Politécnico de Coimbra
Centro de Literatura Portuguesa
lolagrafias@gmail.com

Palavras-chave: conto, literaturas em Português, Português como língua estrangeira, China, inquéritos, ensino.

Keywords: short story, Portuguese-language literatures, Portuguese as a foreign language, China, surveys, teaching.

A narrativa apresenta um valor cultural e comunicativo fundamental no ensino de uma língua. Há muito que autores como Claude Lévi-Straus (1966) ou K. Egan (1994) postulam que, apesar das formas diferentes assumidas, a narrativa é um dos raros “universais culturais” que atravessa quase todas as culturas e épocas. Também Maria do Céu Roldão (2013) enfatiza a “estrutura organizativa de significados” que a narrativa representa através das “cristalizações simbólicas de significados coletivos que caracterizam o imaginário de cada cultura; como veículos de passagem de património cultural [...]; como espaços de construção de identidades [...]; como domínios do imaginário e estético [...]” (Roldão, 2013, p. 398), potenciando o seu uso a nível pedagógico-didático.

É desse uso a nível pedagógico-didático em aulas de Português como língua estrangeira (PLE) no ensino superior em contexto asiático, mais particularmente na República Popular da China (RPC), que se tratará neste texto. Para isso, refere-se, de seguida, o estado da situação do ensino das literaturas em Português no país. Passa-se, de seguida, à apresentação de uma experiência pedagógico-didática, tendo por tema o uso do conto em sala de aula, realizada no Instituto Politécnico de Macau, com alunos de 4º ano de licenciatura.

Atualmente, o ensino das literaturas de língua portuguesa, nas universidades chinesas, é muito residual. A utilização do texto literário faz-se, muitas vezes, em disciplinas que não as específicas de literatura. Que tenhamos tido conhecimento, não há disciplinas obrigatórias de literaturas africanas de língua por-

tuguesa ou mesmo brasileira nos planos de estudo dos cursos de licenciatura de Português na República Popular da China. De facto, faltam cursos de formação de professores. A didática da língua e da literatura não são, de todo, disciplinas em que os licenciados em Português tenham formação. Isso irá mudar com a nova licenciatura em Português como língua estrangeira, a iniciar no Instituto Politécnico de Macau, em 2017-18. Trata-se de uma licenciatura em PLE com uma componente assinalável em culturas e literaturas de língua portuguesa, com a possibilidade de unidades curriculares de didática e ciências da educação para quem opte pela especialização em ensino.

Este silêncio em torno da literatura deve-se, pois, sobretudo, aos objetivos para que foram traçados os cursos de Português na República Popular da China, ou seja, o conhecimento do Português como língua estrangeira, de modo a usar esta língua de forma pragmática. Por outro lado, falta formação dos próprios docentes no que diz respeito às literaturas (suas histórias, teoria, obras e autores) e às culturas em língua portuguesa. Também a dificuldade de acesso a textos em alguns contextos inviabiliza a divulgação destas literaturas.

Normalmente a disciplina de Literaturas em Língua Portuguesa é lecionada no 3º ano de licenciatura, quando os alunos estão no programa de mobilidade no estrangeiro, por isso, essa necessidade de textos pode não ser tão fortemente sentida nas universidades chinesas.

No que diz respeito a publicações de coletâneas de textos na RPC, a oferta é escassa, quase nula. Existe uma coletânea de contos contemporâneos portugueses, traduzidos para mandarim, publicada há mais de vinte anos (ver figura 1). Além disso, existe uma tradução (de 2015) da coletânea *Os melhores jovens escritores brasileiros*, publicada pela revista britânica *Granta* (ver figura 2). Há ainda dispersos contos e poesias traduzidos e compilados em revistas literárias e em antologias da literatura europeia, latino-americana e africana. Esta publicação dispersa não permite, no entanto, um fácil acesso a esses textos.

No que diz respeito a textos originais, não traduzidos, que é o que nos interessa para o ensino do Português como língua estrangeira, temos conhecimento do livro *Curso de Leitura de Português*, com compilação de excertos de textos literários de Zhao Hongling, professora da Universidade de Estudos Internacionais de Pequim (ver figura 3).

Existem ainda dois livros de contos portugueses de Isabel Mateus em versão bilingue. A tradução dos contos para chinês é fruto de uma colaboração com a Universidade de Macau (curso de mestrado de tradução de chinês/português, do Departamento de Português – ver figuras 4 e 5).

Partamos, no entanto, do princípio de que o problema do acesso a textos literários em Português não existe nessas universidades. Outra questão se levanta: que textos literários estudar no âmbito das literaturas em língua portuguesa? A variedade e riqueza não permitem uma resposta fácil a esta questão. No entanto, é indiscutível a importância da prosa literária no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. A prosa literária constitui uma componente importante na reconstrução cultural de identidades, permite interpretar a história e a sociedade de forma particular. Nesse sentido, os romances são o género que melhor pode transmitir informações socioculturais. Assim, “may teachers find novels helpful

for the way they make broad historical process more understandable through the constraints and opportunities faced by individual characters and the choices and decisions they made” (Hay, 2000, p. 4).

Para disciplinas com poucas horas semestrais para estudar várias literaturas em simultâneo, torna-se, porém, difícil, se não impossível, a abordagem, em sala de aula, de romances, devido à sua extensão. Em oposição, outra possibilidade a não descartar é a poesia, pelo seu caráter sintético. No entanto, a poesia não possui a riqueza de reconstrução histórico-social do romance ou de narrativas breves e pode torna-se difícil para aprendentes menos proficientes.

Partilharemos, pois, aqui, uma experiência no terreno com alunos chineses (de Macau e do interior da China) do quarto e último ano de uma licenciatura em tradução e interpretação Português-Chinês/Chinês-Português na unidade curricular de Literaturas de Países Lusófonos. Tendo em consideração que o plano de estudos tem a disciplina de Literatura Portuguesa I e Literatura Portuguesa II, decidiu-se explorar apenas as literaturas brasileira e africanas em língua portuguesa. Nesse sentido, a questão que se coloca é: que textos escolher? A opção fica condicionada pelas condições programáticas do curso: é necessário abordar todas estas literaturas em menos de 30h, por um lado, e, por outro, os alunos apesar de estarem a terminar uma licenciatura em Português, estudam esta língua estrangeira há apenas 4 anos, ou seja, o nível de proficiência em Português nem sempre é o mais desejado. Nesse sentido, optou-se por escolher trabalhar contos e poesia. No final do semestre (novembro de 2016), foi passado um questionário aos 36 dos alunos que estudaram estes contos com o objetivo de perceber as suas preferências e dificuldades. Dos alunos inquiridos 58% (21 alunos) manifestaram a sua preferência pelo estudo da prosa em detrimento da poesia por considerarem que a prosa é mais simples e mais fácil, mais útil para alargar os conhecimentos de português e de cultura, despertando, mais facilmente, a curiosidade e o interesse pelo texto. Por sua vez, os 28%¹ dos alunos (10 alunos em 36) que manifestaram a sua preferência pela poesia invocaram o estilo breve, simples, profundo, interessante; o uso de recursos estilísticos, bem como a expressividade e o apelo ao sentimento.

Concentremo-nos, portanto, na prosa. O primeiro passo era escolher os contos a estudar em sala de aula. Nuttall (2005) refere a importância de escolher os textos baseados na adequação dos conteúdos, de modo a ir ao encontro dos interesses dos alunos; na riqueza de exploração linguística, literária e cultural que o texto permite e na sua legibilidade, ou seja, adequação da dificuldade estrutural e lexical ao nível de conhecimentos dos alunos.

Os critérios da escolha centraram-se, pois, nos seguintes princípios: temas relacionados com a história e cultura dos países de língua portuguesa e que pudessem interessar aos alunos, brevidade dos textos, vocabulário e sintaxe acessíveis ao esperado nível de proficiência dos alunos, ação narrativa linear.

Nesse sentido, pretendeu-se escolher textos que introduzissem informações novas aos alunos sobre algumas literaturas escritas em Português, levando-os a

¹ Os restantes mostraram preferência quer pela poesia, quer pela prosa, ou por nenhuma delas.

refletir sobre aspetos novos; textos que os ajudassem a compreender o lugar do Outro e que desenvolvessem o prazer de ler. Para que se conseguisse atingir estes objetivos, seria necessário escolher textos não percebidos como demasiado difíceis, logo com vocabulário que não exigisse um constante recurso ao dicionário.

O conto, enquanto narrativa breve, revela ser o género literário mais adequado a alunos de licenciatura, em média, com apenas 4 anos de estudo do Português. O objetivo era usar a prosa em que a estória fosse facilmente perceptível, ou seja, que houvesse protagonistas a vivenciar uma ação desencadeada por uma situação conflitual, simples, descrita num quadro narrativo-temporal, que possibilitasse associar ficção e realidade. Pretendia-se, pois, selecionar contos em língua portuguesa que permitissem estabelecer nexos relacionais quer a nível da narrativa em si quer a nível da relação entre a narrativa e a realidade: história e cultura, em particular. Definidos estes objetivos, faltava delinear as estratégias didáticas.

Defendemos que as estratégias a adotar para trabalhar um texto literário breve como o conto deverão centrar-se em 3 momentos: antes, durante e após a leitura. Partir da ativação dos conhecimentos prévios para o acesso a outros conhecimentos deverá ser a primeira fase de introdução a um novo texto, assim como a antecipação do conteúdo do texto através de inferências a partir do título, de expressões ou frases retiradas do texto, imagens ou ilustrações, introdução, índice, etc.

Durante a leitura, poderá recorrer-se a uma variedade de estratégias no sentido de se construir a compreensão do texto, tais como:

o reconhecimento dos objetivos e da função do texto, a compreensão de relações de coerência, a localização de informações-chave, a adoção de uma posição crítica, a extração de conclusões, a monitorização da compreensão e a criação de uma imagem mental do que já foi lido, o fazer previsões, a inferência de informação implícita, o adivinhar o significado de palavras desconhecidas. (Caels e Alexandre, 2013, p. 147)

A primeira leitura não terá como principal objetivo descortinar todo o vocabulário desconhecido. No entanto, da nossa experiência, esse costuma ser o primeiro reflexo de um aprendente chinês, que começa por procurar o significado das palavras em detrimento da apreensão global do sentido do texto. Assim, terá de se ter em atenção em apresentar estratégias alternativas, insistindo, primeiro, na compreensão do texto.

Depois da leitura, deve investir-se em atividades que permitam rever, verificar e consolidar a compreensão do texto e dos novos conhecimentos adquiridos. Nesse sentido, propõe-se desenvolver atividades de gramática, expressão escrita e oral, individualmente, em pares ou em grupo, de modo a estabelecer-se relações dinâmicas entre os vários domínios do ensino do Português enquanto língua estrangeira. Esta última fase permitirá igualmente consolidar a relação do texto com o código semiótico literário a que pertence, bem como facilitar o acesso à cultura do Outro. Os estudos interartes poderão ser valorizado nesta fase.

Delineados os princípios da abordagem do conto, as escolhas recaíram sobre 2 contos brasileiros, 2 contos angolanos, 2 contos moçambicanos e 1 conto cabo-verdiano, ou seja, “O homem nu”, de Fernando Sabino, e “Felicidade clandestina”,

de Clarice Lispector (Brasil); “A fronteira de asfalto”, de Luandino Vieira, e “O nosso país é bué”, de Pepetela (Angola); “Rosalinda, a nenhuma”, de Mia Couto, e “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana (Moçambique); “O prazer da espera”, de Germano Almeida (Cabo Verde).

De modo a permitir que os alunos trabalhassem individualmente o texto, foi-lhes paulatinamente sendo facultado guiões de leitura de cada conto, antes de ser abordado em sala de aula, de modo a prepararem a leitura e análise do mesmo. Esse trabalho prévio teve para cada aluno, à vez, o objetivo de o ajudar a organizar uma breve apresentação do conto escolhido aos colegas da turma.

No final do semestre, passou-se um inquérito para aferir as repercussões das escolhas realizadas. Utilizou-se a técnica de recolha de dados, através de inquérito por questionário, de administração direta.

Vejamos, pois, alguns desses resultados. A amostra era constituída por 36 alunos, como se disse atrás, dos quais 79% (27 inquiridos) eram do género feminino e 21% (9 inquiridos) do género masculino. 67% dos estudantes pertencia ao grupo etário dos 21 aos 23 anos e 33% ao grupo etário dos 24 aos 30 anos.

A língua materna predominante entre os inquiridos era o chinês-cantonês (74%). O chinês-mandarim era a língua materna de 26% dos estudantes. Por sua vez, 50% dos inquiridos estudava português havia 3-4 anos e a outra metade havia 5 e mais anos.

Da análise deste questionário, constatou-se que o conto preferido (ver gráfico 1) dos inquiridos foi “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana (Moçambique). 58% dos estudantes dizem ter gostado muito de estudar esse conto e 53% referem ter sido esse o conto preferido. Tal opção, segundo os inquiridos, deve-se ao facto de ser um conto breve, com ação linear e estrutura clara, fácil de entender, com vocabulário acessível, abordando um tema social e transmitindo uma mensagem positiva. Para além disso, o facto de instaurar uma interrogação inesperada para os leitores em questão (“Por que é que os negros têm as palmas das mãos mais claras do que o resto do corpo?”) e permitir o acesso a aspetos culturais e históricos agradou aos estudantes.

“A fronteira de asfalto”, de Luandino Vieira, e “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, colhem também consideráveis preferências, com 61% e 55,5%, respetivamente, de inquiridos a manifestarem o seu apreço pelos contos (ver gráfico 1). Ainda que apenas um estudante tenha destacado “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, como o seu conto preferido (ver gráfico 2). Este conto de Clarice Lispector não mostra trazer consenso, pois 30,5% dos inquiridos são taxativos ao referir que não gostaram do conto, acharam-no aborrecido, com pouca ação e triste. Ficaram desagradados com o estilo e com a dificuldade do léxico. Por sua vez, “A fronteira de asfalto” é o conto preferido de 17% dos inquiridos, por considerarem que toca num tema próximo da realidade, problemático (racial) e atual, bem como por permitir o acesso à cultura e história de países (africanos) de língua portuguesa.

Os contos menos apreciados foram “O prazer da espera”, de Germano Almeida, colhendo 58% de não-preferências, seguido de “Rosalinda, a nenhuma”, de Mia Couto, com 53% igualmente de não-preferências. De facto, quando questionados

diretamente sobre o conto de que gostaram menos, os estudantes referem estes dois contos, com 44% e 31%, respetivamente, de não-preferências.

Em relação a “O prazer da espera”, tal não-preferência deve-se ao facto de os estudantes considerarem que o conto tem muito vocabulário desconhecido, é muito longo, tem uma estrutura narrativa complexa, devido, sobretudo, à (relativa) complexidade do cronótopo, à cronologia dos acontecimentos, com várias analepses (dentro de analepes) e referência a vários espaços. Ainda assim, e curiosamente, este foi o conto preferido por dois alunos. Tratou-se de alunos a quem coubera a tarefa de apresentar o conto à turma. Esta tarefa obrigou-os a estudar com profundidade o texto, tendo isso permitido uma melhor apreensão do sentido literário do conto. A falta de compreensão do conto, mesmo depois de estudado em aula, levou a este sentimento de rejeição em relação a este texto.

Por sua vez, no que concerne a “Rosalinda, a nenhuma”, os inquiridos referem-se à incompreensão do conto por o terem considerado difícil, com expressões desconhecidas/neologismos. As apreciações recaem também sobre a própria estrutura narrativa e a construção da personagem. Consideram a história “abstrata” e “estranha” não compreendendo a atitude de “amor póstumo” da personagem principal. Por outro lado, um inquirido refere mesmo “o sentimento de tristeza” que lhe provoca o conto e um outro estudante coloca em contraste este texto trágico com o humor do conto “O homem nu”. Assistimos, pois, aqui, a uma preferência temática e, sem o saberem, a rejeição destes estudantes é uma forma de valorizarem o texto: “Rosalinda, a nenhuma” consegue incomodá-los, consegue fazê-los refletir e manifestar o seu desagrado por temas trágicos, perturbadores. Isto significa que a estória do conto gera mecanismos de proximidade e identificação de sentimentos negativos, convocando emoções. Não estará, assim, a literatura a cumprir o seu papel de forma tão elevada? Este conto de Mia Couto transformou-se, pois, em “texto de fruição”, no dizer de Barthes, ou seja, um texto que “coloca em situação de perda, aquele que desconforta [...] faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem” (Barthes, 1997, p. 49).

Vejamos, pois, o que contribui para a empatia com os contos e, pelo contrário, a rejeição. Os estudantes em questão elegem contos breves e interessantes, entenda-se, contos que vão ao encontro dos seus interesses, que desenvolvam uma estória. Pretendem contos fáceis de entender, com vocabulário acessível e com estrutura clara e linear. Preferem temas atuais, que mostrem proximidade com a realidade que conhecem ou facilmente imaginem, e reflitam problemas sociais, que permitam o acesso próximo à cultura e à história dos países de língua portuguesa. A leitura de contos que transmitam uma mensagem positiva é também destacada como forma de mais facilmente sentirem empatia pelos textos.

Por seu turno, a extensão do texto é um fator que afasta os estudantes, logo à partida. O facto de considerarem um texto com vocabulário ou expressões difíceis, bem como estrutura narrativa complexa ou conflito narrativo “incompreensível” ou “estranho” perturba a adesão ao mesmo. Quando o tema é percebido como “aborrecido”, ou seja, fora do horizonte de interesses e conhe-

cimentos dos estudantes, estes tornam-se pouco permeáveis ao prazer de ler e compreender o conto.

A questão da atualidade da temática é questionável, pois, como refere o único inquirido que elege “Rosalinda, a nenhuma” como o seu conto preferido, destacando a profundidade do tema, o texto aborda uma temática atual, a da “subjugação da mulher pelo homem” e faz pensar sobre a “independência psicológica da mulher”.

Pelas respostas dos inquiridos, percebemos, no entanto, que quando tiveram que trabalhar sozinhos o texto, tendo a responsabilidade de o apresentar aos colegas, isso aumentou o grau de dedicação à leitura e, logo, de compreensão do texto. Ora, não se pode gostar do que não se compreende. O prazer do texto (Barthes, 1997) depende primeiramente do domínio da língua em que o texto é escrito, mas para além disso, como refere Roland Barthes, esse prazer é incerto, “precário”, pois depende de imensas variáveis, tais como o nosso estado de espírito, a circunstância, as nossas experiências pessoais, etc.

Há, de facto, a considerar fatores que afetam a percepção dos textos, como a maturidade, experiência de vida, conhecimento e recurso a outras leituras, pesquisa, quer vocabular, quer literária. Ora, os alunos em questão, não leem muito: mais de 70% destes alunos gastam entre 0 h a 1h em leituras de textos literários ou não literários. São alunos que dizem que não gostam de literatura. Num outro questionário sobre representações culturais os mesmos inquiridos, à questão “Diga o que gosta menos da cultura portuguesa”, mencionam a literatura (27%). Este é, aliás, o aspeto mais referido pelos estudantes como elemento da cultura portuguesa de que gostam menos (Xavier et al., 2017).

Resumindo, o panorama de ensino e aprendizagem do texto literário no contexto geográfico de que temos estado a falar não é, pois, neste momento, favorável à literatura. Acreditamos, no entanto, que este panorama poderá vir a ser atenuado no futuro. Há neste momento mais de 30 universidades na República Popular da China (André, 2016) com a licenciatura em Português. Cada vez há mais jovens a interessarem-se pela língua e cultura portuguesas e o número de mestres e doutores chineses em Português mostra tendência crescente, sobretudo na área da língua. Faltam, porém, materiais de trabalho: desde livros em língua portuguesa a coletâneas literário-didáticas. Mas também aqui será uma questão de tempo até o cenário se alterar.

Verifica-se, efetivamente, a necessidade de investir não só na formação na área da cultura e da literatura como de criar materiais nestes domínios: informativos, compilações e materiais com sugestões didáticas. A aprendizagem através da literatura permite o acesso a material autêntico intemporal e a aprendizagens em contexto, o que possibilita a melhor compreensão e apreensão de vocabulário, expressões e estruturas linguísticas segundo os níveis de língua visados, bem como o conhecimento cultural que enforma a língua portuguesa. Deste modo, desperta-se a imaginação e a curiosidade e desenvolvem-se as capacidades de compreensão e expressão oral e escrita.

Como se referiu atrás, com o crescente número de docentes chineses, cada vez mais especializados, acreditamos que será uma questão de tempo para que as literaturas de língua portuguesa ganhem mais destaque, sobretudo a portu-

guesa e brasileira. Já em relação às literaturas africanas o caminho parece ser mais demorado, pois continuam a não fazer parte dos planos de estudo. Também isso vai mudar com a licenciatura em Português do IPM, iniciada em 2017-2018.

Para consolidar a atenção em relação a estas literaturas, e tendo em consideração as realidades geográficas, históricas, culturais e políticas do Brasil e, em particular, dos países africanos de língua portuguesa, a prosa literária assume papel de relevo para acesso a essas realidades, pois

Perhaps the most important, however, is the student's ability to relate to fictional characters as human beings, to conceive of African societies as populated by distinct individuals whose behaviour, personal concerns, and perceived self-interest can differ widely from one to another. This is quite different from the perception some student might have developed of Africans as faceless victims oppressed by western colonialism – a sympathy stance from the student's view, no doubt, but one tends to distance and dehumanize. (Hay, 2000, p. 3)

Numa palavra, o conto, pelas suas características genológicas, poderá ser um bom aliado na consolidação da aprendizagem do Português como língua estrangeira, pois, pela sua brevidade, poderá permitir a motivação para a leitura de outras tipologias textuais literárias, bem como abrir uma janela para a descodificação cultural do ser-se português, brasileiro, angolano, cabo-verdiano, moçambicano, guineense, são-tomense, etc.

Referências bibliográficas

- Almeida, G. (2015). O prazer da espera. *A Nação* [jornal online]. <http://anacao.cv/2015/05/22/o-prazer-da-espera/>
- André, C. (2016). *Uma língua para ver o mundo – olhando o Português a partir de Macau*. Macau: Instituto Politécnico.
- Barthes, R. (1997). *O Prazer do Texto*. Lisboa: Edições 70
- Caels, F, e Alexandre, M. (2013). Os alunos de PLNM e a aprendizagem de conteúdos escolares. In M. H. M. Mateus, & L. Solla (Eds), *O ensino do Português como língua não materna: estratégias, materiais, formação* (pp. 107-159). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Couto, M. (1990). Rosalinda, a nenhuma. *Cada homem é uma raça* (pp. 45-55). Lisboa: Caminho.
- Egan, K. (1994). *O uso da narrativa como técnica de ensino*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Giasson, J. (2000). *Compreensão na leitura*. Porto: Asa.
- Giasson, J. (2005). *La lecture. De la théorie à la pratique*. Bruxelles: De Boeck&Larcier.
- Honwana, L. B. (2000 [1964]). *As mãos dos pretos. Nós matamos o cão-tinioso*. Porto: Afrontamento.
- Kramsch, C. (1996). *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- Lévi-Strauss, C. (1966). *The savage mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lispector, C. (1971). Felicidade clandestina. *Felicidade clandestina* (pp. 9-10). Rio de Janeiro: Rocco. <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/lispector-c-felicidade-clandestina.pdf>
- Lussier, D. (2011). Language, Thought and Culture: Links to Intercultural Communicative Competence. *Canadian and International Education / Education canadienneet internationale*, vol. 40: Iss. 2, article 4. Available at: <http://ir.lib.uwo.ca/cie-eci/vol40/iss2/4>
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading skills in a foreign language*. Oxford: Macmillan Education.
- Paran, A. (2008). The role of literature in instructed foreign language learning and teaching: An evidence-based survey. *Language Teaching*, 41 (4), 465-496. Recuperado de <http://eprints.ioe.ac.uk/2413/1/ParanStateoftheArt2008.pdf>
- Pepetela (2008 [1999]). *O nosso país é bué. Contos de morte* (pp. 83-94). Lisboa: Edições Nelson de Matos.

- Roldão, M. do C. (2013). A narrativa como estratégia – uma possibilidade de diálogo entre culturas. In M. H. M. Mateus, & L. Solla (Eds.), *O ensino do Português como língua não materna: estratégias, materiais, formação* (pp. 397-411). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sabino, F. (1960). O homem nu. *O homem nu*. São Paulo: Editora do Autor e Editora Ática.
- Vieira, L. (2007 [1956]). A fronteira de asfalto. *A cidade e a infância*. Lisboa: Caminho, 83-97.
- Xavier, L. G., Castelo, A., Rouxinol, C. F. (2017). Representações culturais da lusofonia a partir de Macau. Natário, M. C., et al. (orgs.) – *De Portugal a Macau: filosofia e literatura no diálogo das culturas*. Porto: Universidade do Porto, pp. 423-447.

Resumo

Apresentam-se aqui reflexões e partilha de experiências sobre o ensino do conto em língua portuguesa em contextos asiáticos de ensino de Português como língua estrangeira (PLE). Pretende-se sintetizar o estado da questão do ensino de literaturas de língua portuguesa na República Popular da China; apontar algumas mais-valias do ensino e aprendizagem do conto em aulas de PLE; sugerir alguns contos e autores para um nível intermédio/avançado de aprendizagem do Português e mostrar os resultados de uma experiência pedagógico-didática com alunos de PLE, tendo em vista o estudo de narrativas breves.

Abstract

This text presents reflections and it shares some experiences about teaching short stories in Portuguese Language in Asian contexts of teaching Portuguese as a foreign language (PLE). It summarizes the state of art of teaching Portuguese-language literatures in People's Republic of China; it points out some gains in teaching and learning short story in PLE classes; it suggests some short stories and authors for an intermediate / advanced level of Portuguese learning and it presents the results of a pedagogical-didactic experience with PLE students, in order to study brief narratives.

Anexos

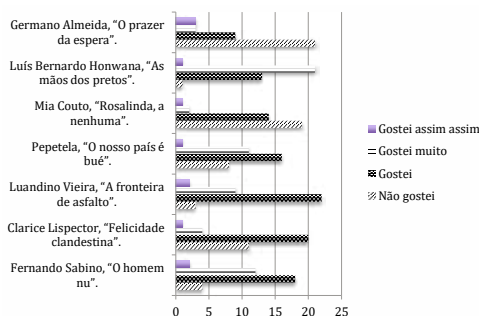


Gráfico 1: Preferências gerais

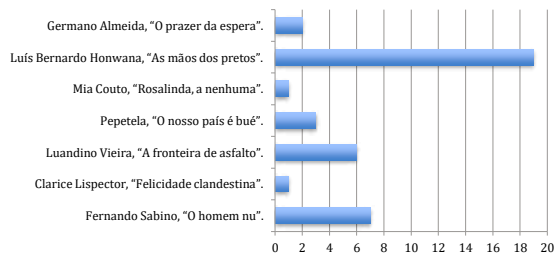


Gráfico 2: Conto preferido

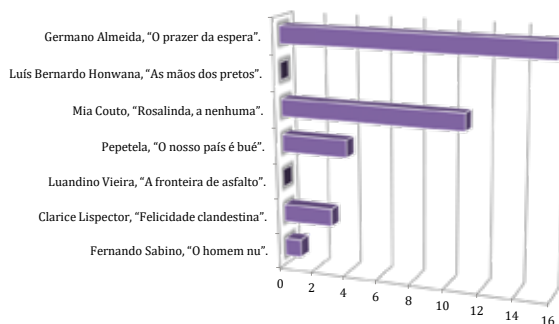


Gráfico 3: Conto menos apreciados

Figura 1: Coletânea de contos portugueses: *Conto português contemporâneo* (1996).
 Coordenação de Ana Paula Laborinho. Macau/Hebei: Instituto Cultural de Macau/Editora Montanha das Flores [tradução em chinês].



Figura 2: Coletânea *Os melhores jovens escritores brasileiros*, Revista Granta (2015) [tradução em chinês].



Figura 3: Hongling, Zhao, *Curso de leitura de Português* (2011) [textos literários em versão original portuguesa, com questões sobre os mesmos].



Figura 4: Mateus, Isabel Maria Fidalgo (2014). *Contos do Portugal Rural*. Coimbra: Gráfica de Coimbra [edição bilingue: português-chinês].



Figura 5: Mateus, Isabel Maria Fidalgo (2015). *O Trigo dos Pardais*. Coimbra: Gráfica Ediliber [edição bilíngue português-chinês].

